

Maíra Lacerda
design e ilustração

portfólio

PROJETOS EDITORIAIS



AMORES VAGOS

2010

Capa para o livro de contos
de Alexandre Brandão, Cristina
Zarur, Marilena Moraes,
Miriam Mambrini, Nilma
Lacerda, Sônia Peçanha e Vânia
Osório

Produção Estilingues e editado
por Editora Alternativa

Vimos de um tempo em que a relação
entre o mundo e o homem se dava pela
escrita, o pensamento encorpado em tinta
e papel, que nos dizia – a palavra é livro.

Agora a palavra viaja, instantânea, em
diferentes suportes; toma infinitas formas
e nos provoca – a escrita é livre.

Num processo que une os dois mundos,
escolhemos um brinquedo antigo, o
estilingue, para criar um selo e fazer
navegar nossas ideias entre universos
concretos e virtuais, embora tenhamos a
palavra ancorada em porto seguro – livro.

Nossa pequena orquestra, afinada em
ritmo, harmonia e andamento, embora
dissonante em bemois e sustenidos,
traduz sua diversidade nos textos, tecidos
em diferentes dimensões, num projeto que
une amigos e escrita.

A você, um pedido: estilingue em punho,
mire, sem respiro nem pestanejo, um
próximo leitor, passando adiante o seu
exemplar, para que a nossa palavra – livro
– viaje numa ciranda sem fim – livre.

estilingues



Amores Vagos

Alexandre Brandão • Cristina Zarur
Marilena Moraes • Miriam Mambrini • Nilma Lacerda
Sônia Peçanha • Vânia Osório



PARA SEMPRE NA TERRA DO NUNCA

2015

Projeto gráfico realizado em coautoria com Christiane Mello e Fernanda Moraes, no Estúdio Versalete, para livro infantojuvenil do autor Alcides Goulart e com ilustrações de Fernanda Moraes

Editado por Editora Jovem



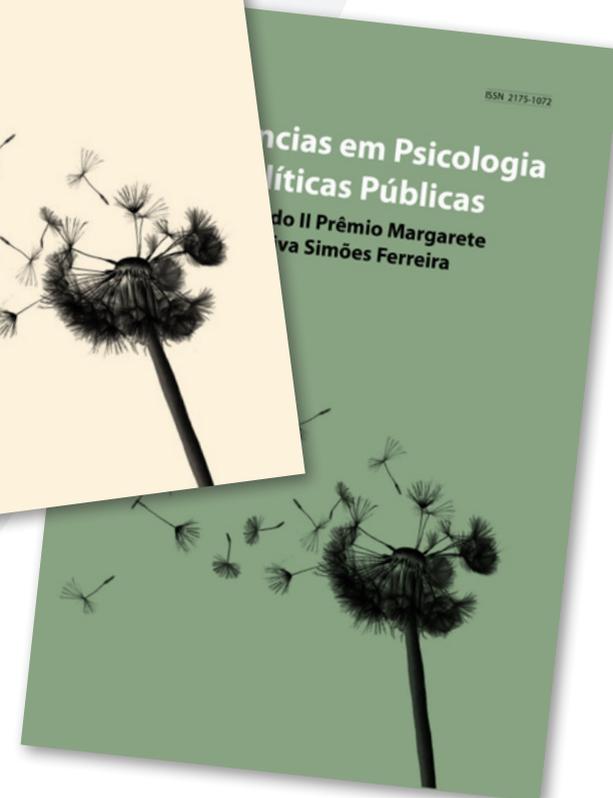
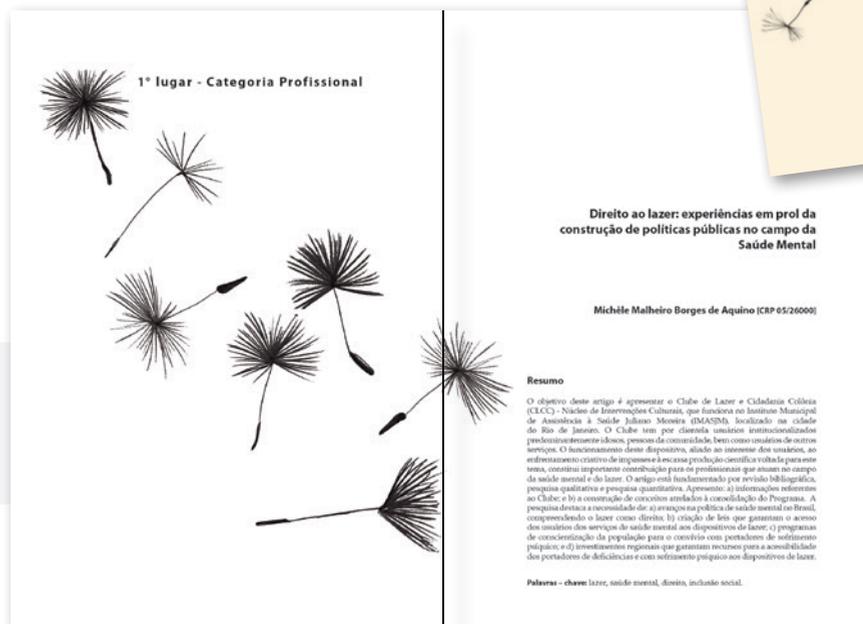
EXPERIÊNCIAS EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

Cadernos do I e II Prêmio
Margarete de Paiva Simões Ferreira

2009 & 2010

Projeto gráfico e diagramação

Realização CRP-RJ Conselho Regional
de Psicologia do Rio de Janeiro



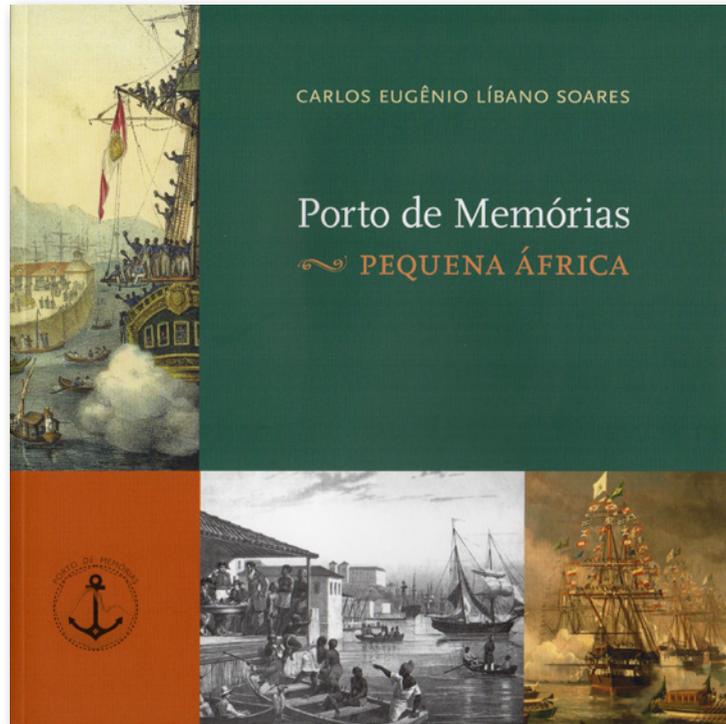
PORTO DE MEMÓRIAS

Pequena África

2014

Projeto gráfico realizado em coautoria com Christiane Mello, no Estúdio Versalete, para livro informativo do autor Carlos Eugênio Líbano Soares

Editado por Biz Cultural



O VASO CHINÊS

2014

Projeto gráfico realizado em coautoria com Christiane Mello, no Estúdio Versalete, para livro infantojuvenil da autora Tânia Alexandre Martinelli e com ilustrações de Mariana Zanetti

Editado por Editora do Brasil



Sumário

Parte 1

- 12 Capítulo 1
- 13 Capítulo 2
- 14 Capítulo 3
- 17 Capítulo 4

Parte 2

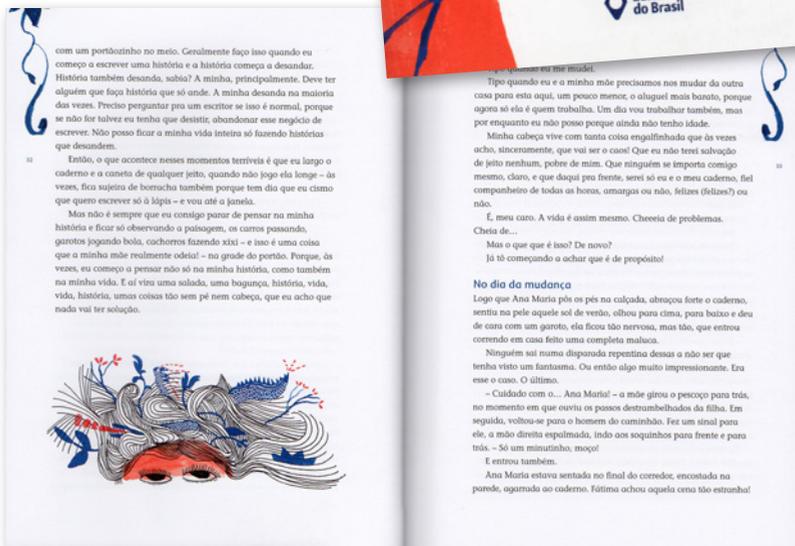
- 20 Problemas só problemas...
- 21 Seria prisioneira?
- 23 Ou seria o próprio rosto?
- 24 Teria um portão com passagem secreta e tudo?
- 26 Sorte?

Parte 3

- 30 Sua vez
- 33 No dia da mudança
- 35 O espelho
- 39 A feira
- 40 O porquê
- 45 No ônibus
- 49 Domingo
- 51 Improdutiva
- 54 Trem-fantasma
- 59 Parede
- 62 Gripes

Parte 4

- 68 De propósito
- 70 Na calçada
- 74 O livro
- 76 Tio
- 79 Biblioteca
- 81 Bem esquisito
- 84 O vaso azul
- 87 Voando
- 90 Telefone
- 95 Retorno
- 100 Secrete



com um portãozinho no meio. Geralmente faço isso quando eu começo a escrever uma história e a história começa a desandar. História também desanda, sobra? A minha, principalmente. Deve ter alguém que faça história que só anda. A minha desanda na maioria das vezes. Preciso perguntar pra um escritor se isso é normal, porque se não for talvez eu tenha que desistir, abandonar esse negócio de escrever. Não posso ficar a minha vida inteira só fazendo histórias que desandam.

Então, o que acontece nesses momentos terríveis é que eu largo o caderno e a caneta de qualquer jeito, quando não ligo ela longe - às vezes, fica sujeito de borracha também porque tem dia que eu cimo que quero escrever só à lápis - e vou até a janela.

Mas não é sempre que eu consigo parar de pensar na minha história e ficar só observando a paisagem, os carros passando, garotos jogando bola, cachorros fazendo xixi - e isso é uma coisa que a minha mãe realmente odeia! - na grade do portão. Porque, às vezes, eu começo a pensar não só na minha história, como também na minha vida. E aí vejo uma solidão, uma boquiça, história, vida, vida, história, umas coisas tão sem pé nem cabeça, que eu acho que nada vai ter solução.



Capítulo 1

Tipo quando eu e a minha mãe precisamos nos mudar da outra casa para esta aqui, um pouco menor, o aluguel mais barato, porque agora só eu é quem trabalha. Um dia vou trabalhar também, mas por enquanto eu não posso porque ainda não tenho idade.

Minha cabeça vive com tanta coisa engalhada que às vezes acho, sinceramente, que vai ser o caos! Que eu não terei solução de jeito nenhum, pobre de mim. Que ninguém se importa comigo mesmo, claro, e que daqui pra frente, será só eu e a minha caderno, fiel companheiro de todas as horas, amargos ou não, felizes (felizes?) ou não.

É, meu caro. A vida é assim mesmo. Cheieita de problemas. Cheita de...

Mas o que que é isso? De novo?
Is tá começando a achar que é de propósito!

No dia da mudança

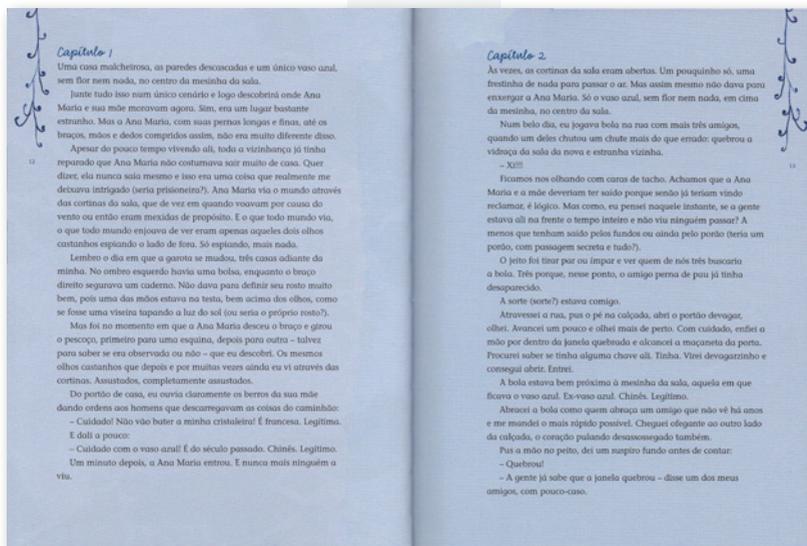
Logo que Ana Maria pôs os pés na calçada, abraçou forte o caderno, sentiu na pele aquele sol de verão, olhou para cima, para baixo e deu de cara com um garoto, ele ficou tão nervoso, mas tão, que entrou correndo em casa feito uma completa maluca.

Ninguém sai nunca disposta a repente desandar a não ser que tenha visto um fantasma. Ou então algo muito impressionante. Era esse o caso. O último.

- Cuidado com o... Ana Maria! - a mãe girou o pescoço para trás, no momento em que ouviu os passos destrambelhados da filha. Em seguida, voltou-se para o homem do caminho. Fez um sinal para ele, a mão direita espalmada, indo aos sopinhos para frente e para trás. - Só um minutinho, moço!

E entrou também.

Ana Maria estava sentada no final do corredor, encostada na parede, agarrada ao caderno. Fátima achou aquela cena tão estranha!



Capítulo 1

Uma casa malcheirosa, as paredes descascadas e um único vaso azul, sem flor nem nada, no centro da mesinha da sala.

Juntei tudo isso num único cenário e logo descobri onde Ana Maria e sua mãe moravam agora. Sim, era um lugar bastante estranho. Mas a Ana Maria, com suas pernas longas e finas, até os braços, mãos e dedos compridos assim, não era muito diferente disso.

A pesar do pouco tempo vivendo ali, toda a vizinhança já tinha respondido que Ana Maria não costumava sair muito de casa. Que dizer: ela nunca saía mesmo e isso era uma coisa que realmente me deixava intrigado (seria prisioneira?). Ana Maria via o mundo através das cortinas da sala, que de vez em quando voavam por causa do vento ou então eram mexidas de propósito. E o que todo mundo via, o que todo mundo enjovava de ver eram apenas aqueles dois olhos castanhos espiando o lado de fora. Só espiando, mais nada.

Lembrei o dia em que a gente se mudou, três casas adiante da minha. No ombro esquerdo havia uma bolsa, enquanto o braço direito segurava um caderno. Não dava para definir seu rosto muito bem, pois uma viseira estava na testa, bem acima dos olhos, como se fosse uma viseira tapando a luz do sol (ou seria o próprio rosto?).

Mas foi no momento em que a Ana Maria desceu o braço e girou o pescoço, primeiro para uma esquina, depois para outra - talvez para saber se era observada ou não - que eu desci. Os mesmos olhos castanhos que depois e por muitas vezes ainda eu vi através das cortinas. Assustados, completamente assustados.

Do portão com o... Ana Maria! - a mãe girou o pescoço para trás, dando ordens aos homens que descarregavam os coisas do caminhão: - Cuidado! Não vão bater a minha cristaleira! É francesa. Legitimo.

E daí a pouco:

- Cuidado com o vaso azul! É do século passado. Chinês. Legitimo.

Um minuto depois, a Ana Maria entrou. E nunca mais ninguém a viu.

Capítulo 2

As vezes, as cortinas da sala eram abertas. Um pouquinho só, uma frestinha de nada para passar o ar. Mas assim mesmo não dava para enxergar a Ana Maria. Só o vaso azul, sem flor nem nada, em cima da mesinha, no centro da sala.

Num belo dia, eu jogava bola na rua com mais três amigos, quando um deles chutou um chute mais do que errado: quebrou a vidreira da sala da nova e estranha vizinha.

- Xiii!
- Quem nos olhando com cara de tacho. Acharmos que a Ana Maria e a mãe deviam ter saído porque senão já teriam vindo reclamar, é lógico. Mas como, eu pensei naquele instante, se a gente estava ali na frente o tempo inteiro e não viu ninguém passar? A menos que tenham saído pelos fundos ou ainda pelo portão (teria um portão, com passagem secreta e tudo?).

O jeito foi tirar paz ou limpar e ver quem de nós três buscara a bola. Três porque, nesse ponto, o amigo porra de pau já tinha desaparecido.

A sorte (sorte?) estava comigo.
Atravesei a rua, pus o pé na calçada, abri o portão devagar, olhei. Avancei um pouco e olhei mais de perto. Com cuidado, encostei a mão por dentro da janela quebrada e alcancei a maçaneta da porta. Procurei saber se tinha alguma chave ali. Tinha. Virei devagarzinho e consegui abrir. Entrei.

A bola estava bem próxima à mesinha da sala, aquela em que ficava o vaso azul. Ex-vo-azul. Chinês. Legitimo.

Abreei a bola como quem abraça um amigo que não vai há anos e me mandei o mais rápido possível. Cheguei ofegante ao outro lado da calçada, o coração pulando desassossegado também.

Pus a mão no peito, dei um suspiro fundo antes de contar:

- Quebrei!

- A gente já sabe que a janela quebrou - disse um dos meus amigos, com pouco-caso.

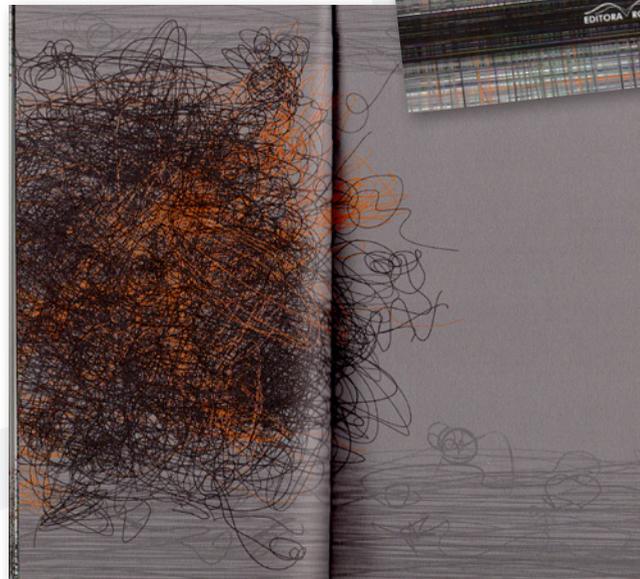
TER OU NÃO TER

2014

11ª Bienal Brasileira de Design Gráfico
Projeto selecionado na categoria *Projeto gráfico de livro*

Projeto gráfico e imagens em coautoria
com Christiane Mello e Ana Sofia Mariz,
no Estúdio Versalete, para livro juvenil do
autor Luiz Claudio Cardoso

Editado por Editora Rovelle

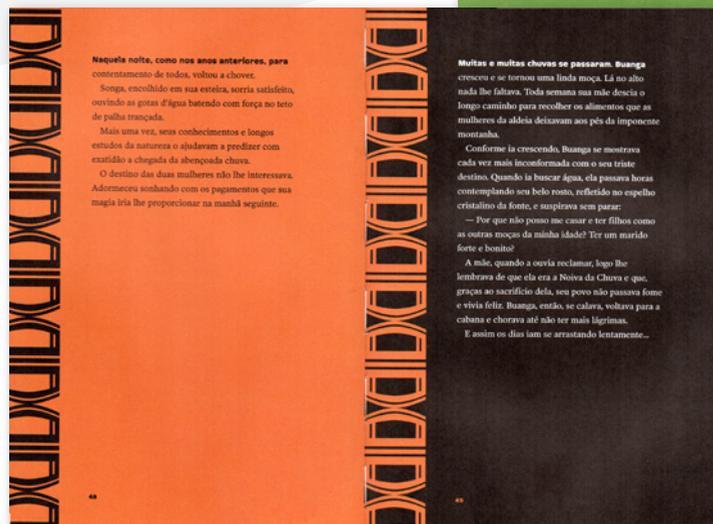
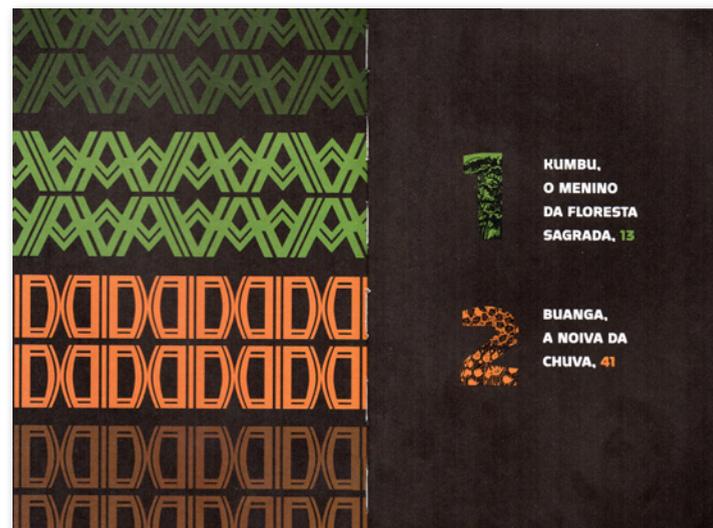
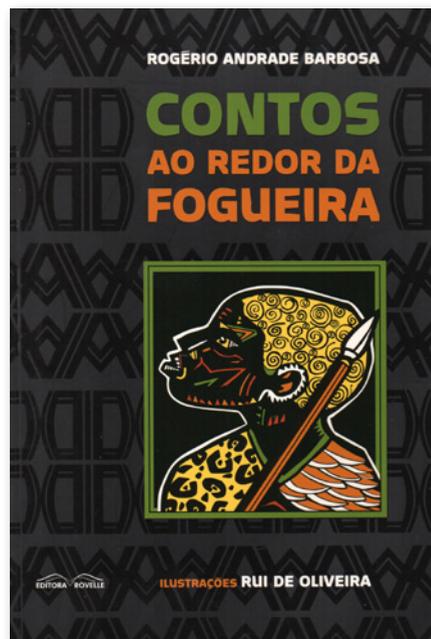


CONTOS AO REDOR DA FOGUEIRA

2014

Projeto gráfico realizado em coautoria com Christiane Mello e Ana Sofia Mariz, no Estúdio Versalete, para livro infantojuvenil do autor Rogério Andrade Barbosa e com ilustrações de Rui de Oliveira

Editado por Editora Rovelle



Naquela noite, como nos anos anteriores, para comemoração de todos, voltou a chover.
Suepa, encolhido em sua esteira, sorria satisfeito, ouvindo as gotas d'água batendo com força no teto de palha trançada.
Mais uma vez, seus conhecimentos e longos estudos da natureza o ajudavam a prever com exatidão a chegada da abençoada chuva.
O destino das duas mulheres não lhe interessava. Adormeceu sonhando com os pagamentos que sua magia iria lhe proporcionar na manhã seguinte.

Muitas e muitas chuvas se passaram. Buanga cresceu e se tornou uma linda moça. Lá no alto nada lhe faltava. Toda semana sua mãe descia o longo caminho para receber os alimentos que as mulheres da aldeia deixavam aos pés da imponente montanha.
Conforme ia crescendo, Buanga se mostrava cada vez mais incomodada com o seu triste destino. Quando ia buscar água, ela passava horas contemplando seu belo rosto, refletido no espelho cristalino da fonte, e suspirava sem parar:
— Por que não posso me casar e ter filhos como as outras moças da minha idade? Ter um marido forte e bonito?
A mãe, quando a ouvia reclamar, logo lhe lembrava de que ela era a Noiva da Chuva e que, graças ao sacrifício dela, seu povo não passava fome e vivia feliz. Buanga, então, se calava, voltava para a cabana e chorava até não ter mais lágrimas.
E assim os dias iam se arrastando lentamente...

Naquela madrugada, o silêncio da aldeia não foi quebrado pelos silvos dos chacais nem pelas gargalhadas fúnebres das hienas. Um choro alto e forte irrompeu de uma das cabanas, agrupadas em círculo numa clareira da imensa floresta.

O nascimento de uma criança é sempre motivo de festa e orgulho nos lares africanos, mas aquela noite escura, em que não se percebia o brilho das estrelas nem o fulgor da lua, era, segundo os mais velhos, sinal de mau presságio.
Aos poucos, homens e mulheres sonolentos, enrolados em mantos coloridos, levantaram-se de suas esteiras e se dirigiram à cabana onde a criança acabara de nascer. O pai, um homem jovem e alto, forte como um touro, aguardava impaciente, do lado de fora, a confirmação dos boz-novos.

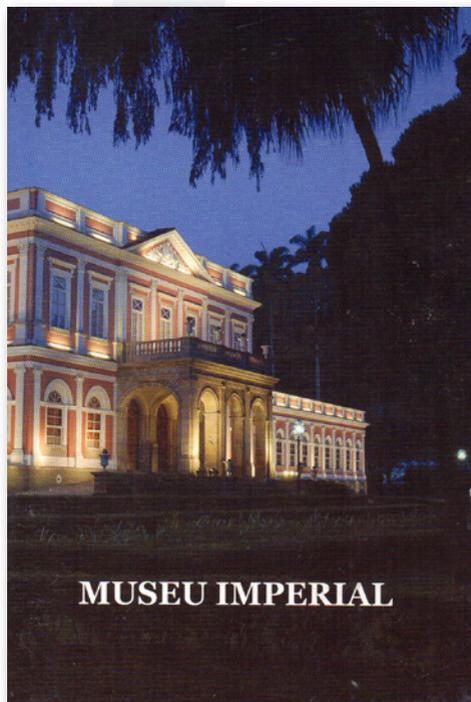
Orgulhosa, a recém-bornada cumprimentou os moradores pela chegada do seu primeiro filho. "Se fosse menino", pensava ele, "iria ajudá-lo a tomar conta do gado e das plantações. Caso fosse menina, quando crescesse poderia arrumar um marido que pagasse um bom dote por ela. Mas por que as mulheres mais velhas não saíam logo da cabana?"
O choro do recém-nascido redobrou de intensidade, em espigões intercalados, como emitido por duas vozes distintas, cruzando espanto e murmúrio aos aldores reunidos em frente da casa reservada às mulheres grávidas.

LIVRETO INFORMATIVO DO MUSEU IMPERIAL

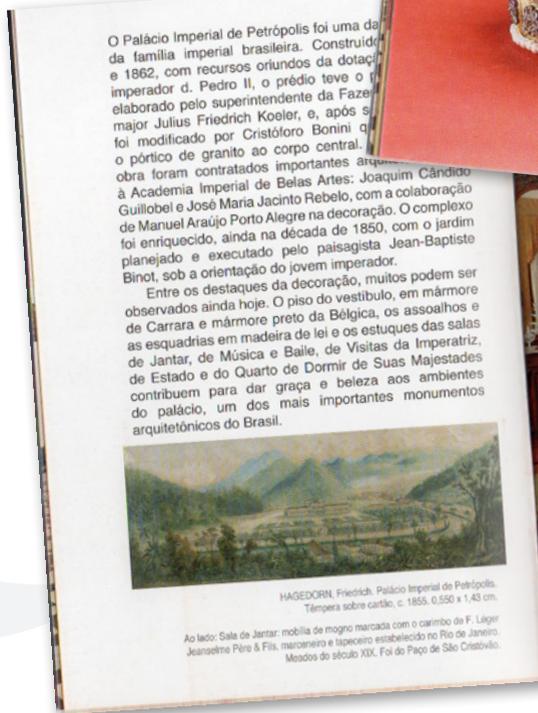
2013

Projeto gráfico para livreto informativo

Realização Museu Imperial de
Petrópolis – RJ

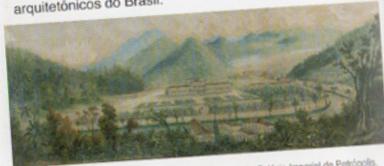


MUSEU IMPERIAL



O Palácio Imperial de Petrópolis foi uma das obras da família imperial brasileira. Construído em 1862, com recursos oriundos da dotação do imperador d. Pedro II, o prédio teve o projeto elaborado pelo superintendente da Fazenda, o major Julius Friedrich Koeler, e, após sua morte, foi modificado por Cristóforo Bonini. As obras foram contratadas importantes arquitetos à Academia Imperial de Belas Artes: Joaquim Cândido Guillobel e José Maria Jacinto Rebelo, com a colaboração de Manuel Araújo Porto Alegre na decoração. O complexo foi enriquecido, ainda na década de 1850, com o jardim planejado e executado pelo paisagista Jean-Baptiste Binot, sob a orientação do jovem imperador.

Entre os destaques da decoração, muitos podem ser observados ainda hoje. O piso do vestibulo, em mármore de Carrara e mármore preto da Bélgica, os assoalhos e as esquadrias em madeira de lei e os estuques das salas de Jantar, de Música e Baile, de Visitas da Imperatriz, de Estado e do Quarto de Dormir de Suas Majestades contribuem para dar graça e beleza aos ambientes do palácio, um dos mais importantes monumentos arquitetônicos do Brasil.



HAGEDORN, Friedrich. Palácio Imperial de Petrópolis. Têmpera sobre cartão, c. 1855. 0,350 x 1,43 cm.

Ao lado: Sala de Jantar: mobília de mogno marcada com o carimbo de F. Léger Jeanoime Pire & Fils, marceneiro e tapeceiro estabelecido no Rio de Janeiro, Meados do século XIX. Foi do Paço de São Cristóvão.



A coroa imperial de d. Pedro II é talvez a peça mais rara e valiosa das coleções nacionais e o maior símbolo do Segundo Reinado. Confeccionada por Carlos Marin, ourives estabelecido à Rua do Ouvidor, 139, no Rio de Janeiro, foi fabricada especialmente para a sacração e coroação do jovem imperador, então com 15 anos de idade. Fornecedor da Casa Imperial, Marin produziu uma das insignias majestáticas, e o anel da sacração de d. Pedro II. Para a confecção das insignias de d. Pedro II, foram desmanchadas várias joias da família, conforme consta dos inventários do Arquivo da Mordomia da Casa Imperial recolhido ao Arquivo Nacional. Para a coroa, um fio de pérolas, herança paterna de d. Pedro I e de proclamada a República, a coroa imperial foi guardada no Tesouro Nacional, onde permaneceu até 1943, quando foi transferida para o recém-criado Museu Imperial.



Coroa Imperial de d. Pedro I. Ouro cinzelado. Manufatura do ourives fluminense Manuel Inácio de Lodi, 1822. Altura: 0,365 m. Diâmetro: 0,200 m. Peso: 2,689 kg.

Ao lado: Coroa Imperial de d. Pedro II. Ouro cinzelado. 620 brilhantes e 77 pérolas. Manufatura de Carlos Marin, ourives da Casa Imperial, c. 1841. Altura: 0,310 m. Diâmetro: 0,205 m. Peso: 1,955 kg.



CALENDÁRIO DO MUSEU IMPERIAL

2012

Projeto gráfico para calendário
de arte

Realização Museu Imperial de
Petrópolis – RJ

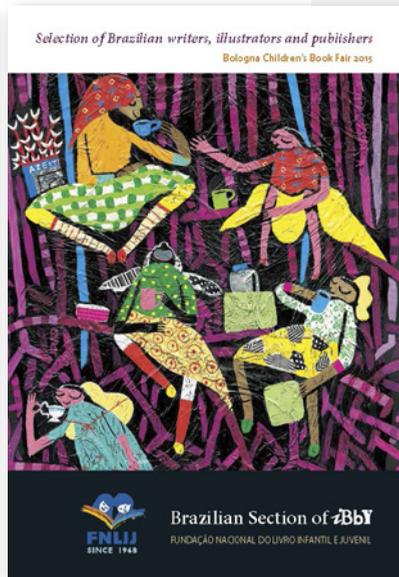


CATÁLOGO FNLIJ PARA FEIRA DO LIVRO DE BOLONHA

2014 & 2015

Projeto gráfico e diagramação em coautoria com Christiane Mello, Ana Sofia Mariz e Fernanda Moraes, no Estúdio Versalete, para catálogo de livros brasileiros, distribuído na Feira do Livro de Bolonha

Realização Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil



FNLIJ Award 2013 | Production of 2012

Since 1974 FNLIJ, Brazilian section of IBBY, promotes the FNLIJ Award for children and young people literature. Every year, a committee of 24 readers, voters, from different Brazilian states, selects voluntary children and young people books published in the previous year, in 18 categories, taking into consideration text originality, quality of illustrations, book design, production, printing and binding.

For the 39th edition of FNLIJ Award - production 2012, the FNLIJ received, from June till December 2012, 1.249 titles. There

were 19 titles awarded, in 18 categories, from 14 publishing houses. FNLIJ created in 1973 the distinction honor-concours for each prize to stimulate new writers and illustrators. It happens when the most voted in each category already won the FNLIJ Award at least three times as writer or illustrator. In 2013 the illustrator Nelson Cruz was honor-concours in the category The Best Illustration - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - 2013. Brazilian sections of IBBY, presents the winners of the FNLIJ Award 2013.



FNLIJ Award Ofélia Fontes
The Best for Children
Visita à Babelia, Paulo Venturilli.
Illustrations by Nelson Cruz.
PortoAve, 59p. ISBN 978859551189

FNLIJ Award Origens Lessa
The Best for Young People
Aquela água toda, João Ananias do Carmo.
Illustrations by Leya Mira Brandt. Coase Naily, 99p. ISBN 978854050273

FNLIJ Award Luis Jardim
The Best Book without Text
O jornal, Patricia Auerbach. Brinque-Book, 30p. ISBN 978857412851

FNLIJ Award Altha Tahan
The Best Non-Fiction Book
Labirintos: parques nacionais, Nurik Benusim. Illustrations by Guazzelli Patrícia. 59p. ISBN 978859565216



Biblioteca do mundo, David e Cláudia. Illustrations by Mariana Maranhão, Bruna Assis Brasil, André Sandóvil, Elma, Mario Bag, Juliana Bolchini e Cica Pimpaldi. Casa da Palavra, 7p. ISBN 9788577242521

FNLIJ Award Odylo Costa, filho
The Best Poetry Book
Diário da montanha, Roseana Murray Manati. 84p. ISBN 978853618950

FNLIJ Award Gianni Rodari
The Best Toy Book
Kokobô, Illustrations by Corinne Demoynd. Salamandra, 1 box. ISBN 978856406486

FNLIJ Award Lucia Benedetti
The Best Drama Book
Viva o Zé Pereira, Karen Achiky Rocco. 38p. ISBN 978856500343



FNLIJ Award Cecília Aleixo
The Best Secondary Literature
Traço e prosa entreteristas com ilustradores de livros infantis/juvenis, Odilon Moraes, Roma Haning and Maurício Farguassu. Coase Naily, 95p. ISBN 978854050239

FNLIJ Award Efigenildo Pimentel
The Best Short Stories
Slumbô, o casamento, Stela Buchari. Illustrations by Fernando Vilela. Coase Naily, 79p. ISBN 978854050246

FNLIJ Award - New Writer
Cunhaeta pitagórica, Tatiana Salem Levy. Illustrations by Vera Tavares. Tinta da China, 48p. ISBN 978859550050

FNLIJ Award - The Best Illustration (9-10-11 years)
Visita à Babelia, Paulo Venturilli. Illustrations by Nelson Cruz. PortoAve, 59p. ISBN 978859551189

Drama



A comunidade do arco-íris
Cano Fernando Abreu. Illustrations by Victor Tavares. Nova Fronteira, 29p. ISBN 978852090909

A stage play written by the renowned poet Cássio Fernando Abreu (1948-1996). It was premiered on stage in 1976 and part of an anthology of theater in 1996. In *A comunidade do arco-íris* where the drama is unfolded - quite different from the Kingdom of Men - there is peace. At some point, some residents lost their belongings, and mystery begins: Who's stealing those precious things? Playful illustrations reproduce scenes blended into the text climate. (50)

O escandaloso teatro das virtudes
Mário Tullio Góes. Illustrations by André Ebert. Saravá, 96p. ISBN 978850202962

Professor Rui Barbosa offers a great injustice and has the brilliant idea of showing the stratagems of Aquissopaga city through stage plays. The narrative, which mixes theatrical diets with the stories that inspired the dialogues, brings us joy and humor about our situation in Brazil as society. Regarding style, there is a certain resemblance to to morality plays. The illustrations express the originality and constant humor throughout the work. (47)



Retold stories

As 14 perolas da sabedoria sufi
Ilan Breneman. Illustrations by Inaê Zilberman. Escritoire, 74p. ISBN 978859527404

Ilan Breneman reworked Sufi tales from the fifteenth century and his philosophical view on the subjects that matter to humans, such as relationships, fights, love, and achievements - stories that do not end in itself, but enhance the perception and the possibilities of life. In vibrant illustrations, Inaê Zilberman translates the 14 stories that depict the daily life and wisdom of people, deities, animals, and kings. (34)



Alfayagussara
Text and illustrations by Nelson Cruz. Edições SM, (paperback). ISBN 978854083021

Alfayagussara is the story of someone who one day dreamed of stars, drew a map, and pursued his dream. The story is told by his nephew who finds a map, takes telescopes and the old star map drawn on day by Peix. A boy who sells his cut, does his homework, doesn't like homework... And goes after his uncle's dream or pursue his own dream. (46)

Os argonautas
Ana Maria Machado. Illustrations by Igor Machado. Graphic design by Luis Blatte. Moderna, 60p. ISBN 97885060697

The journey of the Argonauts in search of the Golden Fleece is retold in this book with accessible language, illustrations, strong colors, and movement that dialogue with the mythical narrative. The maritime adventures of Jason and his crew companions end not and invite the young reader to imagine the dangers experienced by the magical ship crew, which even being repaired after each destruction, still returns its soul with the protection of the goddess Juno. (26)



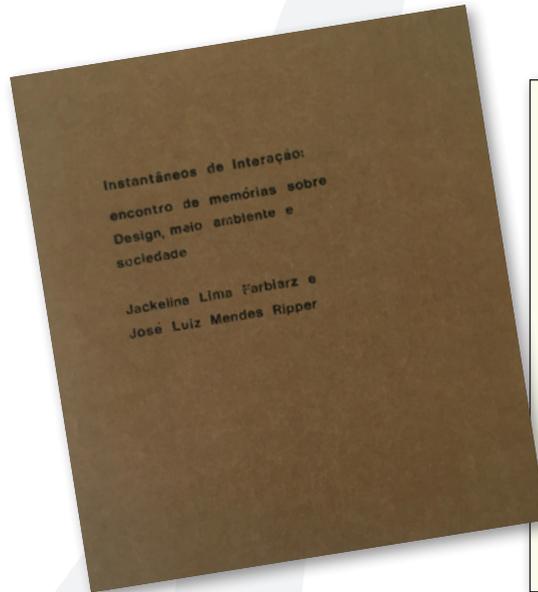
INSTANTÂNEOS DE INTERAÇÃO:

Encontro de memórias sobre Design, meio ambiente e sociedade

2014

Produção editorial e projeto gráfico-editorial, em coautoria com Jackeline Lima Farbiarz e Romulo Matteoni, de livro de artista de Jackeline Lima Farbiarz e José Luiz Mendes Ripper

Realização Departamento de Artes de Design – PUC-Rio

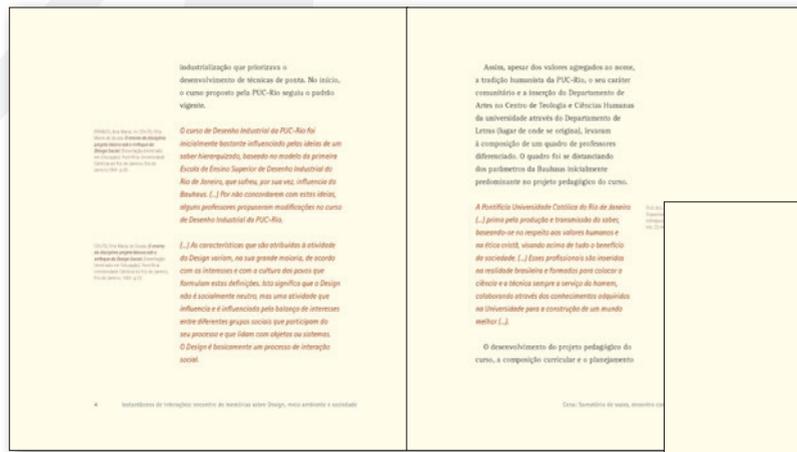


Cena: Somatório de vozes, encontro com memórias

O curso de Desenho Industrial da PUC-Rio data de 1978. Ele foi formado, inicialmente, predominantemente por professores de História da Arte e por Arte Educadores. Pouco a pouco, contudo, ele foi povoado por professores de Desenho Industrial.

Certo era que não havia ainda uma cultura de professores de Desenho Industrial no Brasil, a despeito do interesse político por este tipo de formação. Na década de 70, tínhamos, de um lado, um país com um parque industrial não apenas pequeno, mas principalmente com tecnologias pouco desenvolvidas e, de outro lado, um plano econômico de desenvolvimento da indústria, da ciência e da tecnologia que agregava o fortalecimento de ideias progressistas, sob o ideal de desenvolvimento, progresso e inovação.

O nome Desenho Industrial carregava os valores próprios da política desenvolvimentista, ou seja, valores que incluíam o oferecimento de um mundo melhor através de uma



IDENTIDADES VISUAIS



EQUITAR - EQUITAÇÃO TERAPÊUTICA E HIPOTERAPIA

2004

Identidade visual e aplicações desenvolvidas em
parceria com a designer Marjorie Telles Benchimol e
sob tutoria de José Abramovitz para centro terapêutico



Equitar

Equitação Terapêutica e Hipoterapia



AMIGO É PARA ESSAS COISAS

2007 & 2008

Identidade visual e projeto gráfico para peça teatral de Vitor Hugo Marques, com direção de Daniel Dias da Silva



UMA COMÉDIA DE VITOR HUGO MARQUES
sobre amigos, mulheres e futebol
(não necessariamente nessa ordem)



SESC RIO DE JANEIRO apresenta

UMA COMÉDIA DE VITOR HUGO MARQUES
sobre amigos, mulheres e futebol
(não necessariamente nessa ordem)



SESC TIJUCA - Teatro I
Sextas e Sábados, 20h e Domingos 19h
Informações: 3238-2072

DIREÇÃO DANIEL DIAS DA SILVA



Apoio:

Classificação Etária: 14 anos

NILMA LACERDA

2010

Identidade visual e
aplicações para escritora

Nilma Lacerda



escritora, pesquisadora e professora



ESTILINGUES

2010

Identidade visual para projeto
literário coposto pelos escritores
Alexandre Brandão, Cristina
Zarur, Marilena Moraes, Miriam
Mambrini, Nilma Lacerda,
Sônia Peçanha e Vânia Osório

estilingues



PEPPERMINT STUDIO

2010

Identidade visual e aplicações para estúdio
fotográfico, realizado em parceria com a
fotógrafa Kika Mafra

Peppermint Studio

Peppermint  Studio



ILUSTRAÇÃO



ENQUANTO ÍTACA

2017

Ilustração em colagem realizada para texto crítico *As linhas oblíquas de Ítaca (desafios de quem escreve)*, de Nilma Lacerda, parte integrante do livro *Nas dobras do (im)possível: ensaios literários e imagéticos*, organizado por Alik Wunder, Marcus Novaes e Davina Marques

Editado por Editora Leitura Crítica – ALB



ESTRELA DE CLARICE

2017

Ilustração em colagem realizada para texto crítico *Flor-a-ser: páginas com Clarice* (deriva para a formação de leitoras), de Nilma Lacerda, parte integrante do livro *Leitores e Leituras: explorando as dobras do (im)possível*, organizado por Ana Lúcia Horta Nogueira e Adriana Lia Frizman de Laplane

Editado por Editora Leitura Crítica – ALB



TEMPO QUE RESSOA

2016

Ilustração em
colagem realizada
para texto poético
Calendário, de
Nilma Lacerda

Divulgação online
de Nilma Lacerda

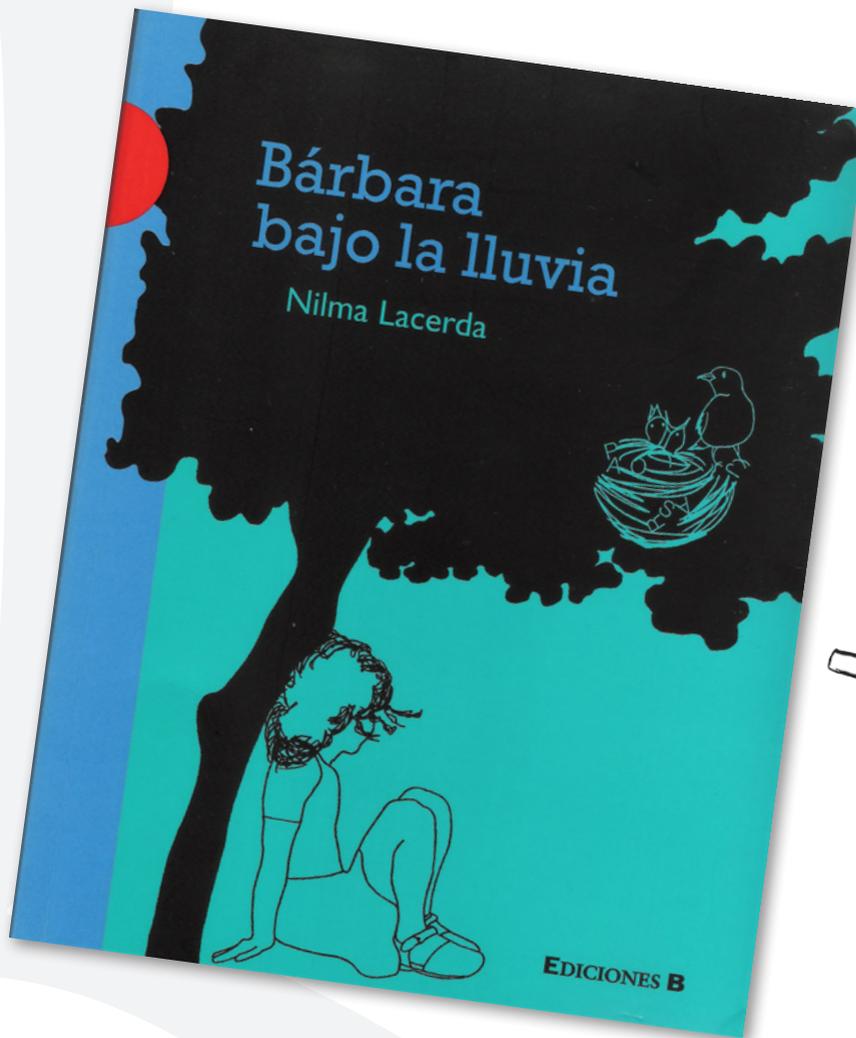


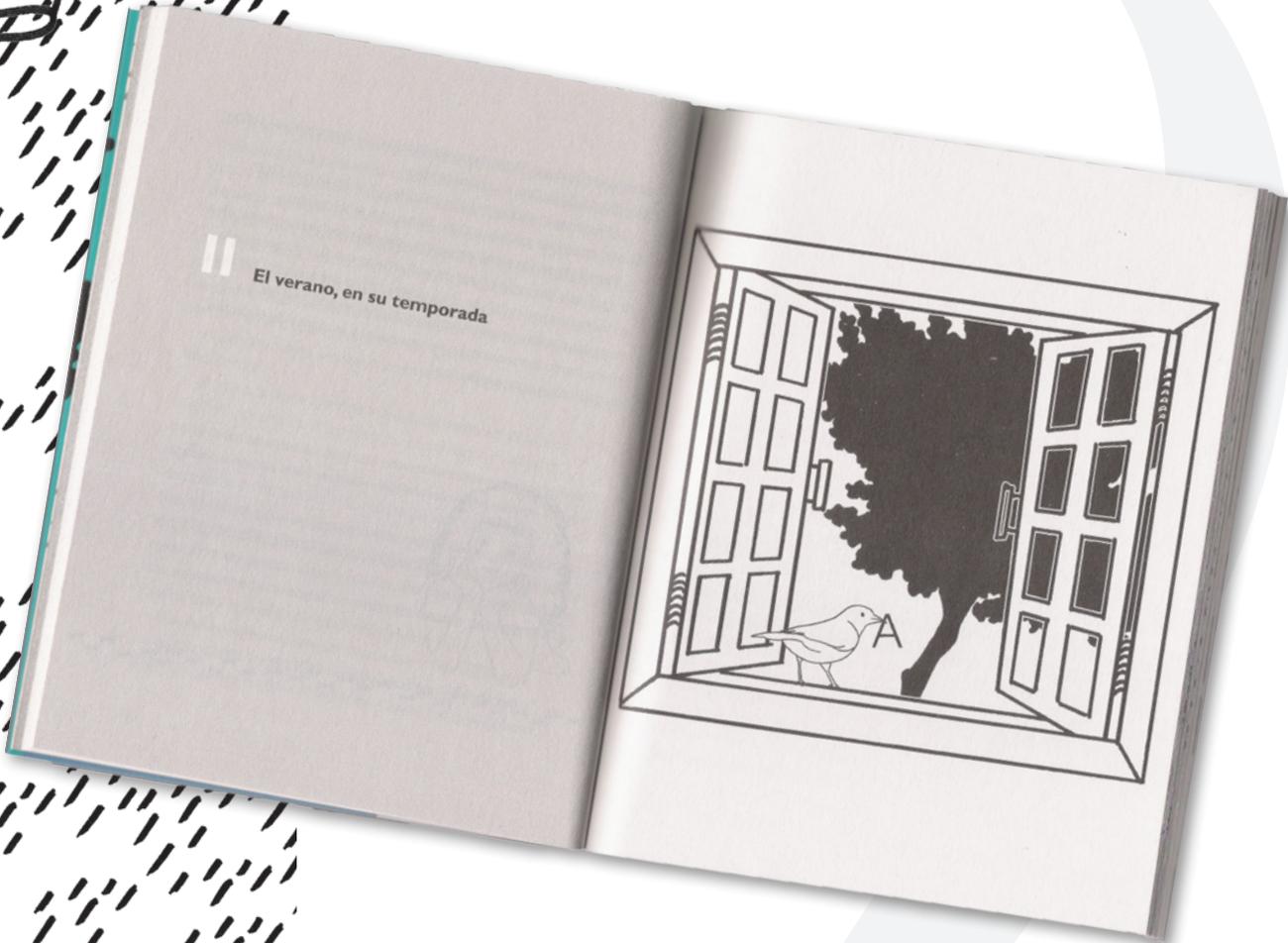
BÁRBARA DEBAIXO DA CHUVA

2010

Ilustrações a traço com intervenções
tipográficas para livro infantojuvenil
da autora Nilma Lacerda

Editado por Ediciones B - Colômbia





|| El verano, en su temporada

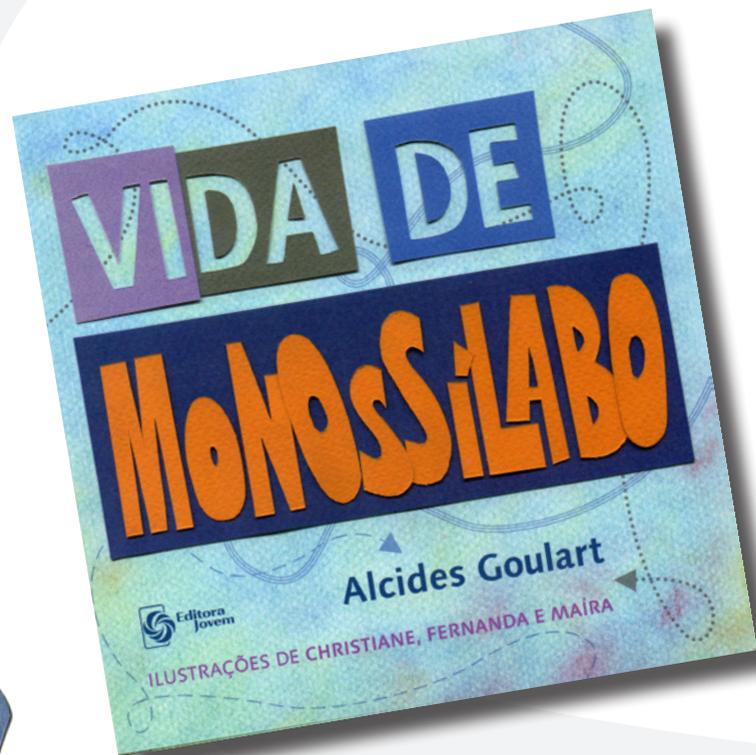
una verde plata lluvia
maravillosa una lluvia
lluvia maravillosa plata maravillosa
una lluvia extraordinaria

VIDA DE MONOSSÍLABO

2015

Ilustrações em colagem realizadas em
coautoria com Christiane Mello e Fernanda
Morais para livro infantojuvenil do autor
Alcides Goulart

Editado por Editora Jovem





Bastaram dois
parágrafos, porém,

para ela
mostrar seu
verdadeiro
radical.

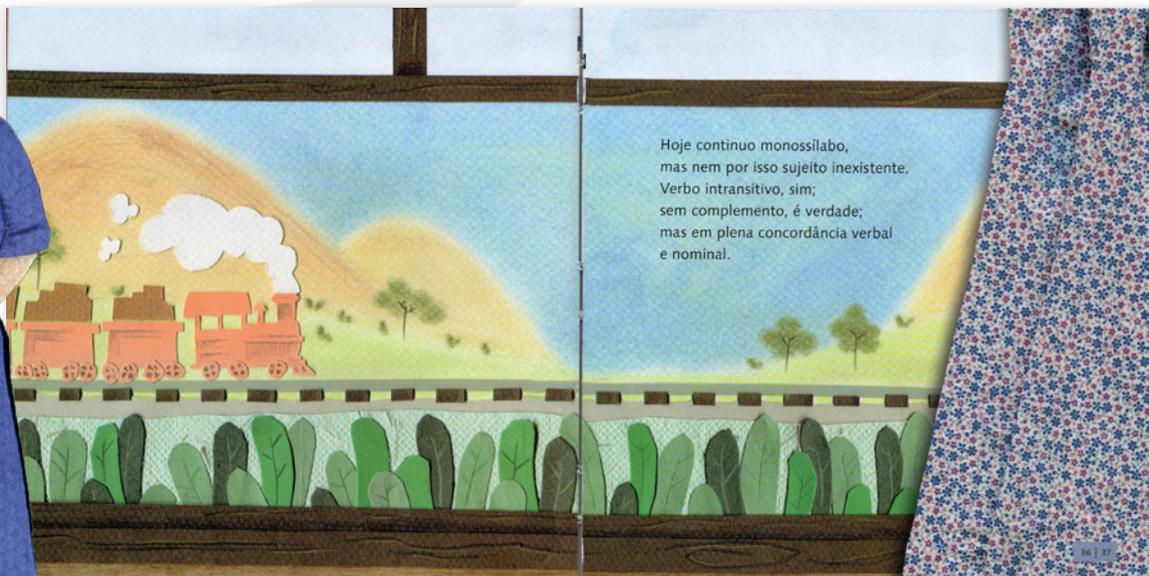
Elevando a
voz ativa,
ditou regras
de acentuação,
conjugou
imperativos,
abusou de
pronomes
possessivos.



Mas... alegria de
trema dura pouco.



Foi num vocábulo
qualquer
que se deu
nosso encontro
consonantal.



Hoje continuo monossilabo,
mas nem por isso sujeito inexistente.
Verbo intransitivo, sim;
sem complemento, é verdade;
mas em plena concordância verbal
e nominal.

UM OLHAR FEMININO PARA 2013

2012

Ilustração em
colagem realizada
para calendário e
exposição coletiva

Realização Maurício
Panel e Galeria
Città



OUTROS

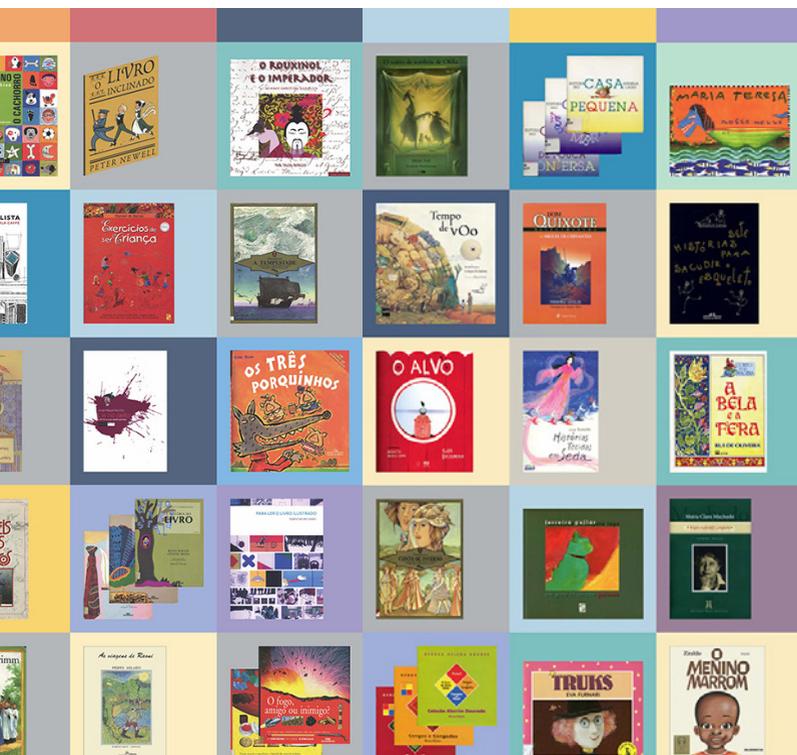
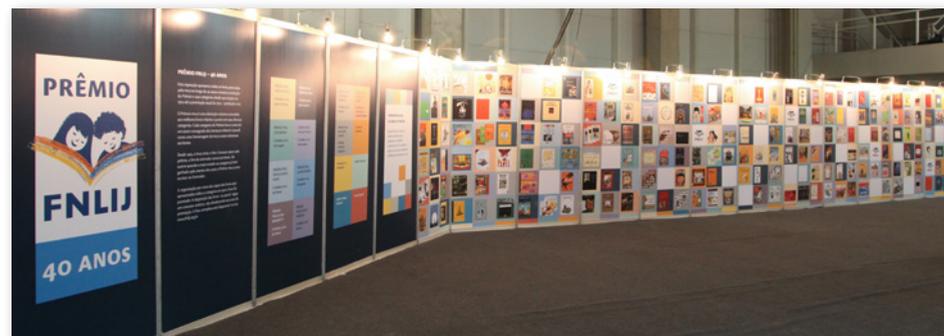


40 ANOS PRÊMIO FNLIJ

2014

Projeto gráfico em coautoria com Christiane Mello, no Estúdio Versalete, para exposição em painéis

Realização Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil



40 ANOS

PRÊMIO FNLIJ – 40 ANOS

Esta exposição apresenta todos os livros premiados pela FNLIJ ao longo de 40 anos e mostra a evolução do Prêmio e suas categorias desde sua criação em 1974 até a premiação atual de 2014 – produção 2013.

O Prêmio FNLIJ é uma distinção máxima concedida aos melhores livros infantis e juvenis em suas diversas categorias. Cada categoria do Prêmio leva o nome de um autor consagrado da Literatura Infantil e Juvenil, como uma homenagem da FNLIJ a esses talentosos escritores.

Desde 1992, a FNLIJ criou o *Hors Concours* para cada prêmio, a fim de estimular novos escritores. Ele ocorre quando o mais votado na categoria já tiver ganhado pelo menos três vezes o Prêmio FNLIJ como escritor ou ilustrador.

A organização por cores das capas dos livros aqui apresentadas indica a categoria em que o livro foi premiado. A disposição dos livros no painel segue um conceito estético, não obedecendo aos anos de premiação. A lista completa está disponível no site: www.fnlij.org.br



ROGER MELLO E SEUS JARDINS

2014

Projeto gráfico em coautoria com Christiane Mello, no Estúdio Versalete, para exposição em painéis

Realização Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil



16º SALÃO DO LIVRO PARA CRIANÇAS E JOVENS

2014

Projeto gráfico em coautoria
com Christiane Mello, no
Estúdio Versalete, para peças
de divulgação e papeleria
institucional de evento

Realização Fundação Nacional
do Livro Infantil e Juvenil



28 de
maio a
08 de
junho

*Design é um lugar para pensar o mundo
e agir de forma positiva sobre ele.*

*Pensar formas de viver que se traduzem
em objetos e linhas capazes de conferir
sentido à vida, por tocarem o belo e o
inusitado.*

*Por estar intrinsecamente ligado à beleza
e à funcionalidade, o design provoca a
ideia de um mundo justo, de um mundo
possível.*

*Este mundo que eu desenho.
Este lugar, em que escolhi viver
profissionalmente.*

Formada em Comunicação Visual e Mestre
em Design pela PUC-Rio

Doutoranda em Design pela PUC-Rio

Entre em contato pelo email
maira_lacerda@hotmail.com

Maira Lacerda
design e ilustração